

## PERFIL DOS ESTUDANTES DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

HENRIQUE EHLERT POLLNOW<sup>1</sup>; DAIANE ROSCHILDT SPERLING<sup>2</sup>  
MARTINA MARTINS PEREIRA<sup>3</sup>; FERNANDA NOVO DA SILVA<sup>4</sup>; NÁDIA  
VELLEDA CALDAS<sup>5</sup>; FLÁVIO SACCO DOS ANJOS<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [henriquepollnow.96@gmail.com](mailto:henriquepollnow.96@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [daianesperling@hotmail.com](mailto:daianesperling@hotmail.com);

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [martina.martins94@gmail.com](mailto:martina.martins94@gmail.com);

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – [fernandanovo@gmail.com](mailto:fernandanovo@gmail.com);

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas – [velleda.nadia@gmail.com](mailto:velleda.nadia@gmail.com);

<sup>6</sup>Universidade Federal de Pelotas – [saccodosanjos@gmail.com](mailto:saccodosanjos@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Até a década de 1940 o Brasil era um país eminentemente rural, se temos em mente que, a essa data, 68,8% dos 41,2 milhões da população vivia no campo. Duas décadas depois o ritmo do êxodo em direção às cidades se intensifica, mas ainda assim, 55,3% dos habitantes seguiam vivendo nas áreas rurais. Não obstante, em 1970 o censo demográfico do IBGE contabilizava 93,1 milhões de brasileiros, momento em que, pela primeira vez na história nacional, a parcela de gente vivendo nas cidades (55,9%) supera a dos que permaneciam morando no campo.

Mas os anos 1970 são igualmente decisivos porque marcam um ponto de inflexão importante na medida em que, até essa data, tratava-se de uma trajetória de redução percentual ou relativa da população rural em relação à população total. Entrementes, os censos demográficos subsequentes indicam um ininterrupto descenso absoluto no número de moradores rurais, que, nessa data, alcançava 41 milhões de indivíduos. Em 1980, 1991 e 1996 esse montante atinge, respectivamente, 38,5; 35,8 e 33,9 milhões de habitantes. Não obstante, os dois últimos Censos Demográficos (2000 e 2010) indicam que se manteve a trajetória de queda absoluta na população rural, que passou, respectivamente, de 31,8 para 29,8 milhões de pessoas.

Essa mudança demográfica se fez sentir nos mais diversos âmbitos da vida social, como é precisamente o caso das universidades. Mesmo no caso dos cursos da área de agrárias (Agronomia, Veterinária, Zootecnia, etc.) os vínculos com o espaço rural e com as atividades agropecuárias são cada vez menores. Estudos realizados no Brasil indicam que o perfil dos estudantes desse campo profissional é predominantemente urbano, tanto no caso de escolas técnicas (OLIVEIRA, 2011) quanto no ensino superior (CALLOU et al, 2008). Destarte, uma parcela cada vez mais reduzida é formada de filhos de produtores e/ou de pessoas que vivem exclusivamente das atividades agropecuárias.

Atualmente esse fato denota escasso interesse do ponto de vista geral, mais além de mera constatação de uma mudança própria do processo de urbanização a que anteriormente fizemos menção, e que atinge a maior parte dos países desenvolvidos. Mas vale aqui frisar que, no auge da ditadura militar brasileira (1968), a condição de ser filho de produtor rural era um fator decisivo para o ingresso nas universidades públicas. Pela primeira vez na história brasileira se instituiu uma política de cotas com essas características.

Referimo-nos, concretamente, à Lei nº 5465, também conhecida como “Lei do Boi”, assinada pelo então presidente Costa e Silva, a qual fixava, em seu artigo

1º, que os estabelecimentos de ensino médio agrícola e superior deveriam reservar 50% de suas vagas a agricultores e filhos de agricultores residentes na zona rural. (ASSAD, 2013).

Em 1985 a “Lei do Boi” foi revogada, especialmente em virtude da pressão exercida por estudantes de Agronomia de universidades públicas do Rio Grande do Sul (ASSAD, 2013), os quais questionavam a legalidade de um instrumento jurídico responsável por favorecer setores da elite rural, bem como por ser uma política que era alvo de inúmeras fraudes documentais na comprovação da condição de filho ou filha de produtor rural, dado que muitos dos beneficiários eram residentes em médias e grandes cidades, os quais igualmente tinham pouca ou nenhuma relação com a agricultura ou com o meio rural.

No atual contexto a falta de conhecimento sobre a realidade do campo e sobre a dinâmica das atividades agropecuárias são apontadas como uma das dificuldades na formação dos profissionais, aliada à ênfase no padrão tecnicista e de uma concepção fragmentada do conhecimento (CALLOU et al, 2008). Outros estudos realizados no país (NAIFF, MONTEIRO e FROEHLICH, 2012) destacam esse mesmo aspecto.

Outro elemento de interesse recai na questão de gênero. Nesse sentido, estudo realizado por GUEDES (2008) mostra que em 1970 as mulheres representavam, respectivamente, apenas 3% e 4% dos agrônomos e veterinários formados no país. Mas nos anos 2000 essa participação sobe para 12% no caso da Agronomia e 30% no caso da Veterinária (GUEDES, 2008). Nesse sentido, vale indagar: qual o perfil atual dos estudantes de agrárias da UFPel do ponto de vista da idade, origem, identificação com as questões rurais e com as atividades agropecuárias? Existem diferenças entre os cursos? Como se apresenta atualmente a situação de gênero nessa área de formação que até muito recentemente era vista quase que exclusivamente masculina?

## **2. METODOLOGIA**

As informações que ensejaram essa pesquisa foram obtidas dentro do escopo de projeto de ensino intitulado “Rural em Imagens”, o qual envolveu uma série de atividades, incluindo aplicação de questionário semi-estruturado junto à totalidade dos alunos matriculados na disciplina de Extensão Rural nos cursos de Agronomia, Veterinária e Zootecnia durante o primeiro semestre de 2016. Os questionários continham perguntas abertas e fechadas, sendo respondidos em classe, cujos dados reunidos foram organizados e analisados através de programa estatístico (IBM SPSS).

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os dados da Tabela 1 indicam que um perfil bastante jovem dos discentes, se consideramos que 74,1% possuem idade inferior ou igual a 25 anos. Outra informação interessante é apresentada nos dados da Tabela 2, que indicam que o conjunto de alunos entrevistados acha-se rigorosamente dividido entre os gêneros masculino e feminino. Não obstante, quando cotejamos os cursos separadamente, surgem algumas diferenças dignas de nota.

Nesse sentido, a presença masculina sobressai no caso da Agronomia (72,3%). Já no caso da Veterinária e da Zootecnia a proporção de mulheres supera, em muito, a dos homens (respectivamente 65,2% e 68,4%). Esse dado reforça uma tendência de incremento na participação feminina em áreas de atuação que até então vistas como essencialmente masculinas.

**Tabela 1.** Distribuição dos estudantes segundo grupos de idade.

Grupos de idade (anos)	Frequência	%
Até 22	37	33,0
23 até 25	46	41,1
26 até 30	21	18,8
31 e mais	7	6,3
Sem informação	1	0,9
<b>Total</b>	<b>112</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa de Campo (2016).

**Tabela 2.** Distribuição dos estudantes segundo gênero e faculdade.

Faculdade	Percentual de gênero (%)	
	Masculino	Feminino
Agronomia	72,3	27,7
Veterinária	34,8	65,2
Zootecnia	31,6	68,4
<b>Total</b>	<b>50,0</b>	<b>50,0</b>

Fonte: Pesquisa de Campo (2016).

O Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) ampliou a oferta de vagas nas universidades federais, bem como a vinda de estudantes de outras regiões do país. Não obstante, os dados da Tabela 3 mostram que a participação de discentes de agrárias oriundos de outras unidades federativas é muito pequena, dado que 90,2% dos estudantes são oriundos do estado do Rio Grande do Sul.

**Tabela 3.** Distribuição dos discentes segundo a unidade federativa de nascimento.

Unidade Federativa	Frequência	%
Rio Grande do Sul	101	90,2
São Paulo	06	5,4
Santa Catarina	04	3,6
Piauí	01	0,8
<b>Total</b>	<b>112</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa de Campo (2016).

A questão da origem (rural ou urbana) dos alunos é apresentada nos dados da Tabela 4, que informam a situação de domicílio dos progenitores dos discentes. Como se pode observar, 36% dos pais e 25,9% das mães têm domicílio rural, dado que supera ao percentual geral de brasileiros vivendo no campo (15,6%), segundo dados do último censo demográfico (IBGE, 2010).

**Tabela 4.** Situação de domicílio do pai e da mãe do estudante.

Domicílio rural (%)	
Pai do estudante	36,0
Mãe do estudante	25,9

Fonte: Pesquisa de Campo (2016).

A questão da profissão dos pais é um elemento central no desenvolvimento da pesquisa, especialmente do ponto de vista da suposta influência exercida sobre a escolha dos estudantes pelos cursos em questão. O estudo indicou a existência de 42 ofícios ou ocupações distintas no caso dos pais, sendo que a de produtor rural se apresenta como a mais expressiva (25,9%) em termos numéricos. No caso das mães a diversidade é menor (33 ocupações distintas), destacando-se a condição de dona de casa (22,3%), professora (14,3%) e produtora rural (9,8%).

#### 4. CONCLUSÕES

A pesquisa evidenciou a existência de um perfil atual marcadamente jovem e urbano dos estudantes de agrárias. Além disso, constata-se uma forte presença feminina, especialmente nos cursos de Zootecnia e Veterinária. Outro aspecto que chama a atenção é a grande diversidade de profissão dos progenitores. Não obstante, no caso dos pais a condição de produtor rural é a mais expressiva dentre todas as que foram informadas pelos estudantes. Este tema demanda novos estudos que analisem em que medida essa origem crescentemente urbana exerce influência na formação dos futuros profissionais das ciências agrárias. A pesquisa ainda não foi concluída, sendo esse um aspecto que será aprofundado oportunamente.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSAD, L.. Cotas de acesso ao ensino superior ajudam a transformar a universidade pública. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 65, n. 3, p. 6-8, 2013.
- CALLOU, A. B. F.; PIRES, M. L. L. S.; LEITÃO, M. R. e TAUKE SANTOS, M. S.. O Estado da Arte do Ensino da Extensão Rural no Brasil. **Extensão Rural** Santa Maria, v. 16, p.84-114, 2008.
- GUEDES, M. C.. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino. **História Ciências Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, 15, p.117-132, 2008.
- NAIFF, L. A. M.; MONTEIRO, R. C. e FROELICH, J. M.. O universo rural nas representações sociais de estudantes de ciências agrárias em duas diferentes regiões geográficas. **Psicologia e Saber Social**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.85-94, 2012.
- OLIVEIRA, J. A. B. **As representações sociais de estudantes e egressos do curso técnico em agropecuária do Instituto Federal Sudeste de Minas Gerais - Campus Barbacena sobre o mercado de trabalho agropecuário**. 2011. 86f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Instituto de Agronomia, Rio de Janeiro, 2011.